

Além do conhecimento: Redescobrimo os sentidos comunitários através da Metodologia de Investigação-Ação Participativa

Lídia Guedes¹

Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto

RESUMO

O presente artigo visa dar a conhecer o processo de desenvolvimento do projeto “Ponte Amiga”. Trata-se de um projeto de educação e intervenção social, orientado pela metodologia de Investigação-Ação Participativa e que contou com a participação de um grupo de moradores/as de um bairro de habitação social localizado na região norte do país. Este projeto teve como finalidade: intensificar a rede de apoio comunitária no Bairro Ponte Amiga. Para que fosse possível alcançá-la, foram definidos objetivos gerais e específicos, assim como o desenvolvimento de três ações centradas nas necessidades de: criação de uma rede de voluntários; maior apoio emocional à população idosa; desenvolvimento e reforço das relações de vizinhança; estabelecimento de relações de confiança; maior valorização dos interesses das pessoas; e aumento da participação nos processos de tomada de decisão.

Através do desenvolvimento do projeto, pretende-se, ainda, refletir acerca do desenvolvimento de projetos de Investigação-Ação Participativa em espaços comunitários.

Palavras-chave: Investigação-ação participativa; Educação e intervenção social; Participação; Rede de apoio comunitária.

ABSTRACT

This article aims to explain the development process of the "Ponte Amiga" project. This is an education and social intervention project, guided by the Participatory Action Research methodology, which involved a group of residents from a social housing neighbourhood located in the north of the country. The aim of this project was to intensifying the community support network in the Ponte Amiga neighbourhood. In order to achieve this, general and specific objectives were defined, as well as the development of three actions centred on the needs of: creating a network of volunteers; greater emotional support for the elderly population; developing and strengthening neighbourly relations; establishing relationships of trust; greater appreciation of people's interests; and increasing participation in decision-making processes.

Through the development of the project, it is also intended to reflect on the development of Participatory Action Research projects in community spaces.

Keywords: Participatory action research; Education and social intervention; Participation; Community support network.

1. Introdução

As novas perspetivas sobre o desenvolvimento enfatizam a necessidade de uma maior valorização local e comunitária, de modo a atenuar situações que possam contribuir para a desigualdade e injustiça social (Antunes & Mendes, 2022; Trevisan, 2009). Assim, segundo Trevisan (2009), surgem necessidades de mudanças para que as comunidades possam constituir-se como espaços que promovam a cidadania e a ação cívica. Por outras palavras, como espaços de participação ativa. Nas palavras de Antunes (2010, p. 191), a participação é a condição necessária para a melhoria da condição de vida das comunidades; é um ato capaz de promover as “competências necessárias para responderem positivamente aos desafios de uma sociedade

¹ Endereço de contacto: lidiapereira.03.2000@gmail.com

em transformação, tornando-se eles próprios os protagonistas da mudança social”. Neste sentido, o desenvolvimento de projetos sustentado por metodologias qualitativas é fundamental para promover o desenvolvimento dos sujeitos e das comunidades, pois estes estimulam as pessoas a participarem ativamente nos processos de transformação e de mudança (Azevedo & Correia, 2013; Timóteo & Bertão 2012).

É a partir deste enquadramento que projetos de Investigação-Ação Participativa (IAP) ganham relevância, visto que envolvem as pessoas inseridas nas comunidades no processo; investigam a realidade, nomeadamente as suas fragilidades e potencialidades; mobilizam os recursos existentes; e partem das necessidades e aspirações das pessoas, envolvendo-as em ações significativas para si (Antunes & Mendes, 2022; Trevisan, 2009).

Foi a partir destas linhas que se desenvolveu um projeto de educação e intervenção social, denominado de “Ponte Amiga”. Desenvolvido com a participação ativa de um grupo constituído por dezanove moradores/as do Bairro Ponte Amiga², o projeto foi orientado pela metodologia de Investigação-Ação Participativa.

O presente artigo inicia-se com uma breve apresentação de algumas perspetivas teóricas que fundamentaram o projeto. Em seguida, clarificar as opções metodológicas selecionadas e explicar como o processo de investigação foi desenvolvido. Por fim, procurou-se analisar os resultados obtidos e refletir acerca da pertinência do desenvolvimento de projetos de Investigação-Ação Participativa em espaços comunitários.

2. Pensar em Educação Social nos espaços comunitários

A Educação Social é uma área de intervenção social alicerçada na Pedagogia Social. O seu surgimento decorre da complexificação das sociedades contemporâneas; do agravamento e a maior consciencialização dos problemas sociais; da rutura com as práticas assistencialistas; e da “adoção de novas formas de trabalho social, mais direccionadas para uma vertente pedagógica e social, que privilegiassem a promoção de autonomia e solidariedade” (Azevedo & Correia, 2013, p.3; Timóteo & Bertão, 2012). Timóteo e Bertão (2012), mencionam a existência de um compromisso educativo no trabalho social, com uma dupla função: orientar a ação para o desenvolvimento, envolvendo as pessoas no processo de superação das suas dificuldades; e orientar a ação para a mudança da realidade social injusta. É com este compromisso educativo que a Educação Social procura a transformação da realidade e combater as desigualdades e injustiças sociais. Mendes (2007, p.124), acrescenta que a Educação Social procura, igualmente, promover a consciência crítica, devendo “orientar-se, sobretudo, pela criatividade e pelo estímulo à acção e reflexão sobre a realidade, onde os homens e mulheres sejam desafiados a questionar a sua própria existência e sejam capazes de se debruçar criticamente sobre a realidade”. Fica, assim, implícito que os indivíduos não são neutros e nem objetos na ação. Eles possuem um papel fundamental em todo o processo, devendo olhar para a sua realidade com um olhar crítico e identificar as suas fragilidades e necessidades de mudança. Devem, sobretudo, ser autores e criadores do seu próprio desenvolvimento e transformação.

Verifica-se, assim, que a Educação Social se encontra comprometida com o desenvolvimento do ser humano, uma vez que procura criar condições para que as pessoas participem nos seus processos de mudança e de decisão, bem como capacitá-las para que possam exercer um maior e melhor controle das suas vidas. Deste envolvimento com a sua própria realidade, pode levar a que adquiram novos conhecimentos e competências (Lima, 2003). Por outro lado, a capacidade de participar na transformação permite um exercício cívico da cidadania, sendo este o alicerce para uma democracia plena (Nico, 2007).

De modo a complementar, importa destacar que a Educação Social ocorre em todos os contextos e espaços que possibilitam o desenvolvimento das pessoas, incluindo as comunidades (Díaz, 2006). É a partir deste contexto que se torna pertinente abordar o conceito de intervenção comunitária. Embora sejam conceitos distintos, a Educação Social e a intervenção comunitária compartilham várias características e interseitam-se. A intervenção comunitária surge como uma estratégia de intervenção educativa, que tem como finalidade contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos grupos e comunidades (Antunes, 2010). Para alcançar essa finalidade, a intervenção comunitária procura conhecer a realidade das comunidades; identificar as suas fragilidades e potencialidades; e mobilizar os recursos existentes. Procura, igualmente, partir das

² Nome fictício.

necessidades e vontades das pessoas, envolvendo-as em ações que, na sua perspetiva, assumem-se como significativas (Trevisan, 2009).

Para uma melhor compreensão sobre a intervenção comunitária, torna-se pertinente abordar os três processos que, na perceção de Antunes (2010), estão sempre presentes: processo de consciencialização, processo de mobilização e processo de organização. O primeiro processo enfatiza a importância das pessoas e/ou grupos tomarem consciência dos seus problemas, necessidades, expectativas e recursos da própria comunidade. O segundo processo implica sensibilizar e incentivar os múltiplos atores sociais a participarem em todos os processos de tomada de decisão e ações a desenvolver, de modo a garantir a relevância e a sustentabilidade da intervenção. Já o terceiro processo corresponde à necessidade de estabelecer vínculos de cooperação e de uma estrutura organizadora de todo o processo de intervenção. Considerando estes processos, é possível compreender que a intervenção comunitária, à semelhança da Educação Social, tem como alicerce a participação das pessoas e a sua intervenção tem como bases a organização, cooperação e responsabilidade da comunidade na procura de soluções para os seus problemas, de modo a alcançarem a transformação que almejam (Antunes, 2010; Trevisan 2009).

De outro prisma, os/as profissionais deverão assumir-se como mediadores/as e facilitadores/as desses processos, “refletindo com os atores, procurando com eles e a partir deles os caminhos a traçar, assumindo-se como um interventor colectivo com as comunidades e não para elas” (Trevisan, 2009, p.4). A sua intervenção, deverá orientar-se pelos princípios de igualdade e justiça social; da promoção da cidadania; da criação de condições que estimulem a participação das pessoas; facilitar e potenciar o desenvolvimento de ações coletivas; e potenciar redes formais e informais de suporte aos indivíduos e grupos (Antunes & Mendes 2022; Trevisan 2009).

3. Metodologia de Investigação-Ação Participativa

Tendo por base o já apresentado e a compreensão de que a participação das pessoas é essencial para a intervenção, procurou-se privilegiar metodologias que procuram conhecer profundamente a realidade, através de um contacto mais próximo com as pessoas e com uma postura reflexiva e crítica e abertura ao imprevisto (Barbosa & Ferreira, 2007; Lima, 2003). Na tentativa de o projeto “Ponte Amiga” se aproximar destes princípios, privilegiou-se a Investigação-Ação Participativa (IAP). A IAP é uma metodologia ancorada pelo paradigma sociocrítico e os seus pressupostos, como a emancipação dos indivíduos, a transformação social e a construção de um conhecimento reflexivo e colaborativo (Coutinho et al., 2009; Ferreira & Veiga, 2023).

Na perspetiva de Ander-Egg (1990), para compreendermos o que é a IAP é necessário analisar os três termos que a constituem. Assim, a investigação é um processo reflexivo, sistemático e crítico, que apresenta a intenção de estudar a realidade, com uma finalidade prática. Neste contexto, a finalidade prática que se pretende alcançar é o desenvolvimento e a transformação. Por sua vez, a ação mostra a forma de como o estudo é realizado, sendo esta também um modo de intervenção em que o propósito da investigação está orientado para a ação, constituindo-se uma fonte de conhecimento. Por último, a participação é uma atividade que envolve tanto os investigadores/as como as pessoas, sendo os últimos a chave para a transformação.

Por sua vez, Lima (2003) considera o investigador/a como um sujeito entre os sujeitos e destaca a necessidade de estabelecer-se uma relação marcada pela proximidade com o meio e as pessoas. A autora acrescenta que, o investigador/a não é uma figura superior da área do saber. Por outras palavras, todos/as os/as envolvidos/as são investigadores/as e, por isso, não existe uma hierarquia.

De modo a complementar, importa destacar que esta metodologia é considerada cíclica e contínua, sendo normalmente estruturada em quatro processos: planificação, ação, observação e reflexão (Duarte & Moreira, 2020). Deste modo, existe uma constante e permanente articulação entre a teoria e a prática, o que torna as pessoas mais capazes de produzir conhecimento e propicia o desenvolvimento de capacidades, nomeadamente a reflexão crítica (Ferreira & Veiga, 2023).

4. Contextualização e análise da realidade

Conforme mencionado anteriormente, o projeto “Ponte Amiga” desenvolveu-se com a participação de um grupo de dezanove moradores/as de um bairro, com idades compreendidas entre os 5 anos e os 76 anos. Salienta-se que, todos/as os/as participantes do projeto são acompanhados/as e apoiados/as por uma equipa técnica de um centro comunitário. Essa equipa técnica, também colaborou em vários momentos do projeto, o que contribuiu para a compreensão do percurso histórico do bairro e do próprio centro comunitário, assim como, uma maior aproximação com os/as moradores/as do bairro. Ressalva-se que o presente projeto decorreu em 2021, o que correspondeu a um período marcado pelas consequências da pandemia do coronavírus. Todavia, com uma postura reflexiva, crítica e adaptativa foi possível desenvolver o projeto.

Assim e tendo por base os princípios basilares da IAP, o projeto decorreu a partir do contacto próximo com as pessoas e da (co)construção do conhecimento e análise da realidade. Procurou-se conhecer os percursos de vida das pessoas, as suas rotinas e atividades quotidianas, assim como escutar e valorizar as perceções acerca da sua realidade. Nesse processo, também foi mobilizado um conjunto diversificado de técnicas que permitiram a construção de um conhecimento mais aprofundado e apropriado à transformação: a análise documental, as conversas intencionais e observação participante (Batista et al., 2021).

A observação participante parte da interação direta com as pessoas e da participação ativa em seu quotidiano, permitindo ao/à investigador/a um conhecimento mais profundo das suas rotinas e dinâmicas (Santos, 1994). No contexto deste projeto, a observação participante decorreu da interação com os/as moradores/as do bairro, os/as profissionais do centro comunitário e os/as participantes do projeto, o que permitiu uma compreensão mais abrangente do contexto e dos/das envolvidos/as.

Por sua vez, a análise documental centra-se na leitura, compreensão e análise crítica de documentos, oferecendo ao/à investigador/a uma base comparativa entre o que está registado e a realidade observada (Coutinho, 2015). Para a construção do conhecimento da análise da realidade, foram analisados diversos documentos relevantes para a compreensão do percurso histórico do bairro, assim como da missão, valores, serviços, atividades e projetos desenvolvidos pelo centro comunitário.

Já as conversas intencionais foram uma técnica fundamental para aprofundar o conhecimento sobre os indivíduos, incluindo as suas experiências de vida, interesses, necessidades e perceções sobre a realidade que os rodeia. Durante o projeto, essas conversas foram realizadas com a equipa técnica do centro comunitário, os/as participantes do projeto e os/as moradores/as do bairro. A utilização das diferentes técnicas de recolha de informação possibilitou uma maior interação com as pessoas e uma constante triangulação das informações.

Importa destacar que, o projeto foi acompanhado por uma avaliação contínua. O modelo CIPP, de Stufflebeam e Shinkfield (1987), foi a opção mobilizada, já que possibilita uma avaliação reflexiva, sistemática e participativa. Um dos momentos de avaliação correspondeu ao diálogo, reflexão e priorização dos problemas e necessidades:

- A falta de recursos humanos. O coordenador do centro comunitário reconheceu que a equipa técnica é escassa e que não existem recursos económicos suficientes para contratar novos técnicos. Por esse motivo, ao longo do tempo, o centro comunitário tem contado com o apoio de uma rede de voluntários/as, essencialmente constituído/a por moradores/as do bairro e por pessoas que habitam nas proximidades. Contudo, devido à pandemia o número de voluntários/as diminuiu significativamente e limitou a intervenção do centro comunitário. Deste modo, a equipa técnica identificou como necessidade o alargamento da rede de voluntários/as;
- O insucesso escolar. As crianças reconheceram o seu desinteresse e desconcentração pelos conteúdos abordados pelos professores, uma vez que não correspondiam aos seus interesses. Assim, surgiu como necessidade a criação de atividades lúdicas que partam dos seus interesses e que estimulem a sua atenção;
- O isolamento social. Este problema encontra-se relacionado com o facto de algumas pessoas idosas habitarem sozinhas, bem como privadas de manterem contacto presencial com os seus familiares. Neste sentido, identificou-se como necessidades um maior apoio emocional para a população idosa, nomeadamente ao nível da companhia e do diálogo;

- As relações de vizinhança frágeis. No decorrer da análise da realidade, observou-se que a maioria das pessoas não conhece ou dialoga com os seus vizinhos/as. Este aspeto prende-se ao facto de as pessoas sentirem receio da sua privacidade ficar comprometida e/ou medo de sofrerem assaltos ou algum ato de violência. Portanto, a este problema estão ligadas as necessidades de desenvolvimento e reforço das relações de vizinhança e estabelecimento de relações de confiança;

- A falta de participação ativa. Por meio de conversas intencionais com a equipa técnica, verificou-se, que a maioria das pessoas não participava nas atividades dinamizadas por esta. Por outro lado, averiguou-se que a própria equipa técnica não envolvia as pessoas nos processos de planificação e de tomada de decisão das atividades. Neste sentido, surgiu como necessidades uma maior valorização dos interesses das pessoas e que estas assumam um papel mais ativo nos processos de tomada de decisão.

Como potencialidades e recursos foram valorizados: as diversas competências, capacidades e interesses das pessoas idosas e das crianças; a sua vontade por conviverem e dialogarem entre si; a receptividade em envolverem-se no desenvolvimento de atividades que partam dos seus interesses; as redes sociais do centro comunitário (*Facebook*); e as instalações do centro comunitário; e a existência de uma equipa técnica disposta a participar no projeto.

5. Desenho e desenvolvimento do projeto “Ponte Amiga”

Após a identificação dos problemas e necessidades, é chegado o momento de o profissional em conjunto com os participantes desenharem e planificarem o que pretendem transformar (Timóteo, 2010). Assim, tendo por base os critérios de urgência e exequibilidade em termos práticos, definiu-se como finalidade: intensificar a rede de apoio comunitário no Bairro Ponte Amiga. De modo a alcançar essa finalidade, foram estabelecidos os seguintes objetivos gerais: potenciar e fomentar o apoio voluntário; promover a participação ativa e a tomada de decisão dos/das participantes do projeto; e promover o desenvolvimento pessoal dos/das participantes do projeto.

Para que fosse possível alcançar os objetivos definidos, foram planeadas em conjunto com a equipa técnica e os/as participantes do projeto três ações: “Voluntaria-te!”, “Apadrinha!” e “Pontes e nós”. Para a sua concretização, priorizam-se estratégias como as conversas intencionais, debates e momentos de partilha e reflexão.

A primeira ação, visando o primeiro objetivo geral, concentrou-se na captação de novos/as voluntários/as. Para tal, elaborou-se em conjunto com a equipa técnica um *flyer* com os objetivos de apresentar o projeto “Ponte Amiga” aos moradores/as do bairro e esclarecer a função que os voluntários desempenhariam no âmbito do mesmo. A função dos voluntários/as seria apadrinhar uma pessoa idosa e realizar visitas domiciliárias para acompanhamento e convívio. Assim, o *flyer* foi distribuído por todos os blocos habitacionais do bairro e publicado na rede social do centro comunitário (*Facebook*), o que, posteriormente, levou a quatro moradoras do bairro a manifestarem o seu interesse em participar no projeto. Nesse período de tempo, foram contactadas algumas pessoas idosas³ que se encontravam em isolamento social, com o intuito de recolher as suas disponibilidades horárias para serem visitadas. Realizou-se, ainda, no âmbito desta ação uma reunião de formação com o grupo de voluntárias.

Já a segunda ação, respondendo ao primeiro e segundo objetivos gerais, pretendeu que as voluntárias, em conjunto com as pessoas idosas, planeassem e dinamizassem um conjunto de atividades, com vista à exploração dos seus interesses. Além disso, esta ação procurou focar-se nas necessidades de um maior apoio emocional à população idosa; de desenvolvimento e reforço das relações de vizinhança; estabelecimento de relações de confiança; maior valorização dos interesses das pessoas; e maior participação nos processos de tomada de decisão.

Assim, no decorrer das visitas domiciliárias, observou-se que as voluntárias desempenharam um papel fundamental no estabelecimento da relação idosa-voluntária. Elas contribuíram para a dinamização das sessões e sugeriram várias atividades a desenvolver com base nas partilhas das idosas e nos seus interesses (dança, decoração, jardinagem, jogos de cartas, culinária, entre outros). Por outro lado, as idosas colaboraram

³ Foram quatro pessoas idosas que demonstraram interesse e disponibilidade em participar no projeto.

na planificação das atividades, através da partilha dos seus interesses. Observou-se, igualmente, que esta ação propiciou vários momentos de partilha entre si acerca das suas histórias de vida, bem como o desenvolvimento de relações com base na empatia, respeito mútuo e confiança. Estes momentos de convívio e partilha também contribuíram para o bem-estar do grupo, pois, como destacam Caetano e Guadalupe (2011, p.2), as redes de suporte social influenciam e “desempenham um importante papel na qualidade de vida das comunidades humanas”.

Por último, a terceira ação deste projeto visou o terceiro objetivo geral. Nesta ação, pretendeu-se escrever conjuntamente com os/as participantes um livro de contos infantis, com base nas histórias de vida das idosas. Para a sua concretização, cada participante assumiu uma função. As idosas partilharam momentos importantes da sua vida e as aprendizagens realizadas; as voluntárias sugeriram ideias de como estruturar o livro; e as crianças ilustraram as várias histórias. No decorrer desta ação, verificou-se, que a escrita do livro contribuiu para promover a autoestima das idosas, uma vez que se sentiram valorizadas. Verificou-se, ainda, que as crianças por meio da pintura desenvolveram o interesse pela leitura e desenvolveram determinadas capacidades, nomeadamente a criatividade. Tal como destaca Santos e Costa (2016), a arte facilita os processos de ensino-aprendizagem das crianças, já que são desenvolvidas a percepção e a imaginação e estimuladas as diferentes áreas do conhecimento.

6. Resultados: o impacto de um projeto de IAP

Findo o projeto, procedeu-se a uma avaliação global que, nas palavras de Serrano (2008, p.96), só “se atinge com a conjugação de todos os elementos proporcionados pela avaliação inicial e processual para chegar a uma formulação na qual se ponha em relevo os objetivos do projeto foram alcançados, ou não, em que medida”.

No que diz respeito ao primeiro objetivo geral do projeto, considera-se que este foi alcançado. Ao longo do projeto, verificou-se que as voluntárias e as idosas foram capazes de reconhecer a importância do contacto entre si e de olhar para o outro de forma mais atenta. Verificou-se, ainda, que ocorreram vários momentos de interação, diálogo e de partilha entre si, o que possibilitou a criação de relações de empatia, confiança e de apoio mútuo. Estes momentos contribuíram, igualmente, para a promoção do auto e heteroconhecimento e a partilha de conhecimentos entre diferentes gerações. Todos estes aspetos contribuíram para a atenuação do isolamento social e dos sentimentos de solidão das pessoas idosas.

Relativamente ao segundo objetivo geral, verificou-se que este foi alcançado, já que as idosas e as voluntárias envolveram-se ativamente no planeamento e dinamização das sessões. Observou-se que este grupo de pessoas procurou identificar os interesses e necessidades de cada um, o que levou a propostas de atividades adequadas às suas características. Esta ação também impulsionou a participação ativa e estimulou o pensamento crítico e reflexivo das participantes.

Por último, considera-se que o terceiro objetivo geral também foi alcançado. No decorrer do projeto, averiguou-se que as idosas, as voluntárias e as crianças foram capazes de reconhecer as suas próprias capacidades e competências, mobilizando-as no decorrer das ações. Verificou-se, igualmente, que as crianças encontraram nas ilustrações das histórias uma área do seu interesse e, por isso, procuraram explorá-la por meio das suas competências. Além disso, revelaram-se bastante participativas e criativas nas ilustrações. Outro aspeto a destacar é que seis jovens também participaram nas ilustrações das histórias, embora inicialmente não estivesse contemplado a sua colaboração. Contudo, ao observarem as crianças a desenharem e a acompanharem a construção do livro de histórias, os/as jovens manifestaram o seu interesse em envolverem-se no projeto.

Apesar dos resultados positivos do projeto, assume-se que não foi possível ultrapassar todos os problemas prioritários. Todavia, é necessário valorizar as “pequenas conquistas” e, por isso, destaca-se que no final do projeto “Ponte Amiga” as voluntárias e as idosas tomaram a iniciativa de continuar as visitas domiciliárias.

Em síntese, com o desenvolvimento de um projeto de IAP foi possível intensificar os laços comunitários e sociais; aumentar a participação das pessoas nos processos de tomada de decisão; promover a cidadania cívica; favorecer momentos de diálogo, apoio, interajuda e de aprendizagem entre as pessoas; e desenvolver a responsabilidade. Foi possível (co)criar uma nova ponte; uma ponte para a mudança e a transformação.

7. Considerações finais

É chegado, agora, o momento de realizar uma reflexão sobre os resultados obtidos, bem como sobre os projetos de IAP nos espaços comunitários. Deste modo, averiguou-se que essa metodologia promoveu o empoderamento dos indivíduos e grupos inseridos na comunidade. Esse empoderamento, por sua vez, foi o resultado da própria envolvimento das pessoas nos processos de tomada de decisão e transformação. Averiguou-se, igualmente, que esse projeto de IAP impulsionou a participação de todos os envolvidos, o que contribuiu para a construção e o desenvolvimento de uma cidadania ativa e plena. Além disso, promoveu o desenvolvimento de várias competências, como reflexão crítica, autonomia e resolução de problemas.

Outro aspeto relevante foi o fortalecimento dos laços sociais. O envolvimento dos/das participantes e o trabalho coletivo possibilitaram a (re)ativação de vínculos de vizinhança e a criação de novos contactos. Esses vínculos, por sua vez, fomentaram o espírito de entajuda, confiança e apoio emocional.

Importa destacar que, o desenvolvimento do projeto não ocorreu sem a existência de desafios. No caso deste projeto, a pandemia de COVID-19 impôs barreiras significativas, sendo uma delas o distanciamento social. Além disso, devido ao aumento do número de moradores/as infetados/as com o vírus, os serviços do centro comunitário foram suspensos temporariamente, o que resultou na redução do contacto direto com a população. Apesar das limitações impostas pela pandemia, o projeto prosseguiu. Competências como a criatividade, o pensamento alternativo, a capacidade de projeção e abertura ao inesperado tornaram-se essenciais para a continuidade da intervenção (Veiga, 2009).

Assim, em conjunto com a equipa técnica e os/as participantes, foram elaboradas alternativas para contornar os desafios apresentados, designadamente estratégias de comunicação. Essas iniciativas demonstraram a capacidade do grupo de reinventar-se, o que reforçou os laços de solidariedade e cooperação das pessoas envolvidas.

De outro prisma, ressalta-se que a IAP é uma metodologia complexa, pois exige constante reflexão, flexibilidade e adaptação às mudanças que ocorrem na realidade (Lima, 2003). As constantes mudanças e adaptações, por sua vez, podem trazer diversos desafios para o/a investigador/a. Neste projeto, o desafio manifestou-se na necessidade de garantir que o poder de decisão permanecesse com os/as participantes, ao mesmo tempo em que se assegurava o propósito do projeto. Não obstante, por meio da reflexão crítica, colaboração e participação, esses obstáculos foram superados.

Em suma, este projeto mostra como é essencial o desenvolvimento de projetos de IAP nos espaços comunitários, especialmente em contextos onde a participação e a coesão são fundamentais para o fortalecimento das relações sociais e o empoderamento dos indivíduos. Evidenciou-se, assim, que quando os elementos de uma comunidade estão envolvidos no processo de transformação, eles tornam-se agentes de mudança, desenvolvendo simultaneamente um maior sentido de pertença e responsabilidade.

Referências

- Ander-Egg, E. (1990). *Repensando la investigación-acción-participativa: comentarios, críticas y sugerencias*. Editorial El Ateneo.
- Antunes, M. (2010). A intervenção comunitária: um novo campo educativo. *Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación*, 18(2), 189-200. <https://hdl.handle.net/1822/50715>.
- Antunes, M., & Mendes, D. (2022). (Re)construindo vidas: intervenção comunitária e desenvolvimento humano. *Espacios En Blanco*, 2(32), 57-69. <https://hdl.handle.net/1822/80511>.
- Azevedo, S., & Correia, F. (2013). A educação social em Portugal: evolução da identidade profissional. *Revista de Educación Social*, (17), 1-11. https://www.eduso.net/res/pdf/17/ascport_res_17.pdf.
- Barbosa, I., & Ferreira, F. (2007). Investigação participativa e compromisso com a transformação do mundo: diálogos com Paulo Freire. *Educação, Sociedade & Culturas*, (54), 197-215. <https://doi.org/10.34626/esc.vi54.57>.
- Batista, B., Rodrigues, D., Moreira, E., & Silva, F. (2021). Técnicas de recolha de dados em investigação: inquerir por questionário e/ou inquerir por entrevista. In P. Sá, A. P. Costa, & A. Moreira (Coords), *Reflexões em torno de metodologias de investigação: recolha de dados*. Universidade de Aveiro.

- Caetano, A., & Guadalupe, S. (2011). As relações de vizinhança nas redes de suporte social num bairro social: um estudo com residentes no Bairro de Santiago em Aveiro. *Revista Cidades, Comunidades e Territórios*, 23, 1-20. <http://hdl.handle.net/10071/4830>.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 8(2), 455-479. <https://hdl.handle.net/1822/10148>.
- Coutinho, C. (2015). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Edições Almedina.
- Diaz, A. S. (2006). Uma aproximação à pedagogia-educação social. *Revista Lusófona da Educação*, 7(7), 91-104.
- Duarte, P., & Moreira, A. I. (2020). Na formação inicial de professores, a investigação-ação revelada pelos relatórios de estágio. In R.P. Lopes, C. Mesquita, E. Silva & M. Pires (Eds), *V Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE): livro de atas*. Instituto Politécnico de Bragança. <http://hdl.handle.net/10400.22/19103>.
- Ferreira, J. & Veiga, S. (2023). Por uma investigação científica útil e ao serviço das pessoas: contributos da investigação ação participativa para o exercício de uma democracia participada. *Da Investigação às Práticas: Estudos De Natureza Educacional*, 13(2), 1-25. <https://doi.org/10.25757/invep.v13i2.350>.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra desenvolvimento local – investigação participativa animação Comunitária* [Tese de Doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/53042>.
- Mendes, I. (2007). *A dimensão participativa dos cursos de educação e formação de adultos (EFA). No Vale do Ave, norte de Portugal*. (Tese de Doutoramento, Universidade de Granada). Repositório Institucional da Universidade de Granada. <https://hdl.handle.net/10481/1748>.
- Mendes, I., Pinheiro, A., & Vieira, I. (2014). Autores e escultores num tempo que teima ir contra a história: dois projetos em contexto de educação de adultos. In P. Delgado, S. Barros, C. Serrão, S. Veiga, T. Martins, A. Guedes, F. Diogo, & M. Araújo (Coord.). *Pedagogia / educação social- teorias & práticas. Espaços de investigação, formação e ação*. Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/76425>.
- Nico, J. (2020). *Educação comunitária- a teoria de uma prática*. De Facto Editores.
- Santos, M. (1994). *A observação científica*. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/54055>.
- Santos, M., & Costa, Z. (2016). *A arte na educação infantil: sua contribuição para o desenvolvimento*. Universidade Feevale.
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais: casos práticos*. Edições Afastamento.
- Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. (1987). *Evaluación sistemática: guía teórica e y práctica*. Piados/MEC.
- Timóteo, I. (2010). *Educação social e relação de ajuda. Representações dos educadores sociais sobre as suas práticas* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/19122>.
- Timóteo, I., & Bertão, A. (2012). Educação social transformadora e transformativa: clarificação de sentidos. *Sensos*, 2(1), 1-26. <http://hdl.handle.net/10400.22/6296>.
- Trevisan, G. (2009). Intervenção comunitária e inclusão social: o educador e os actores. *Saber & Educar*, 14(14), 1-5.
- Veiga, S. (2009). *Palcos de conhecimento, espaços de transformação: contributos da metodologia sociodramática para a formação dos educadores sociais* [Tese de Doutoramento, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/11860>